

OESP (cad. 2)
27/3/97 D.9
171

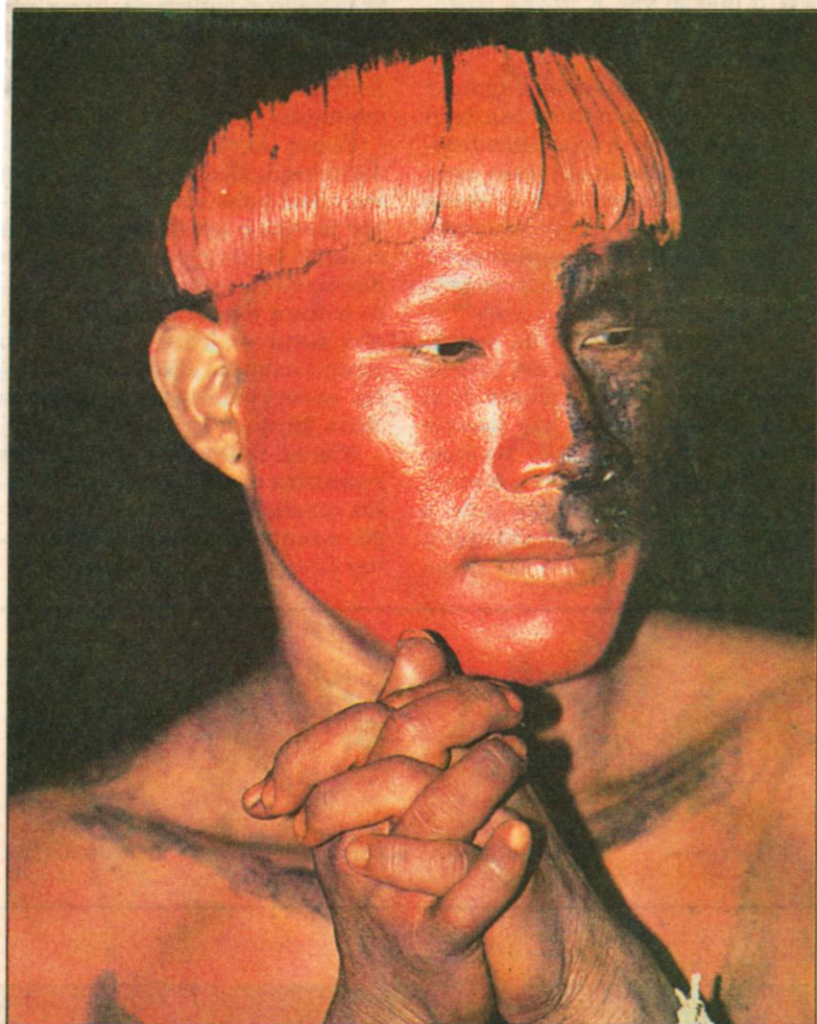
QUINTA-FEIRA, 27 DE MARÇO DE 1997

CADERNO 2

O ESTADO DE S. PAULO - D9

ÍNDIOS

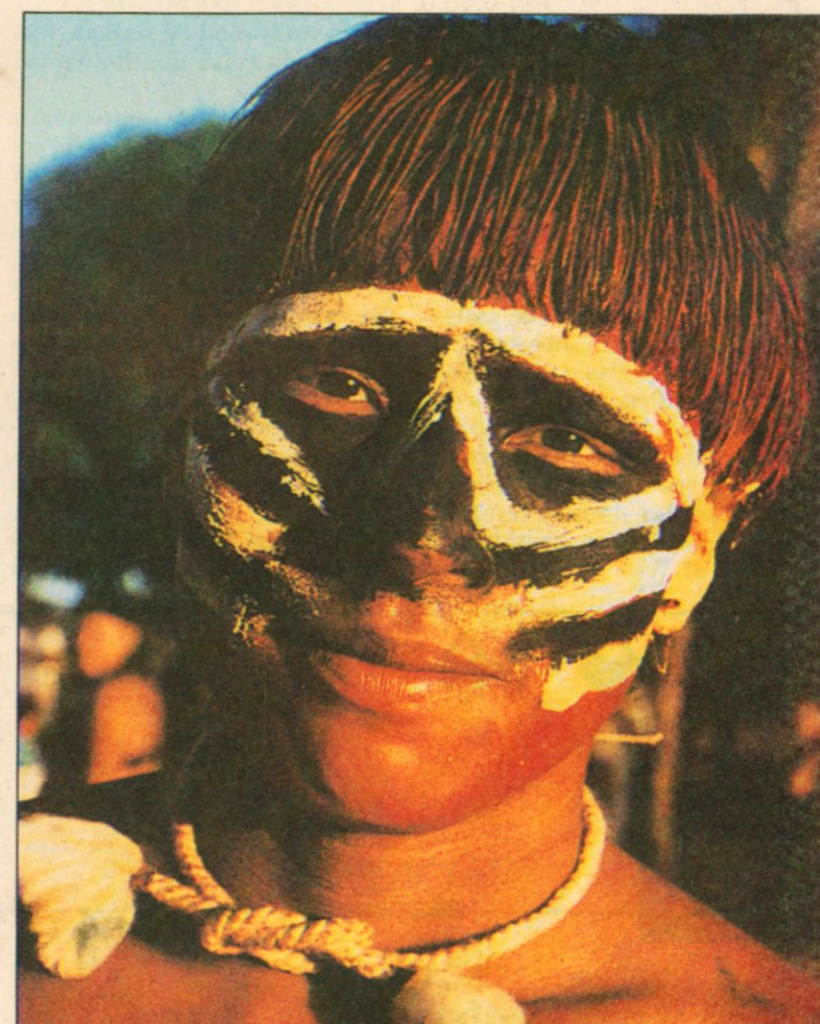
Mostra de fotos revela genocídio cultural



Xavante preparado para o Uai'a: ritual realizado a cada dez anos



Caiapó no encontro de Altamira, em 1989: reunião histórica



Xavante no Uai'a: rito de passagem do menino para idade adulta

A Casa Fuji abre, no dia 16, uma exposição com 60 imagens comoventes dos carajás, ianomâmis, guaranis, xavantes e outras tribos, registradas pela repórter fotográfica Rosa Gauditano

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Deve existir uma razão muito especial para que as mulheres sejam as guardiãs da imagem dos povos indígenas no Brasil. Alguns nomes são lembrados automaticamente por quem gosta dos índios, como os das veteranas fotógrafas Cláudia Andujar e Maureen Bisiliat. Outro nome é o de Rosa Gauditano, uma dedicada fotógrafa que documenta o cotidiano de tribos indígenas desde 1989. Rosa, que começou a fotografar aos

18 anos e trabalhou para os principais jornais de São Paulo, abre, no dia 16, a exposição *Nossa Tribo*, na Casa de Fotografia Fuji.

A divulgação antecipada da mostra tem o objetivo de despertar o interesse de escolares para uma exposição que não é simplesmente uma mostra visual, mas o testemunho do genocídio cultural praticado contra os primeiros habitantes do País. Para evitar a extinção da cultura de 280 etnias, que falam 170 línguas no Brasil, índios estarão acompanhando es-

tudantes do primeiro e segundo graus na exposição da Casa Fuji (Avenida Vereador José Diniz, 2.400, no bairro do Campo Belo, em São Paulo). Escolas interessadas em participar das visitas com monitores devem inscrever-se antecipadamente pelo telefone (011) 533-7367.

Além do serviço de monitores, os índios vão mostrar vídeos que registram festas e rituais de suas tribos. Também estão programados espetáculos de canto guarani e dança dos pancararus. Os últimos são índios do in-

terior de Pernambuco expulsos de suas terras, que hoje moram em condições miseráveis na Favela

Real Parque, no Morumbi. Subproletários urbanos, os pancararus resistem como podem à aculturação. Os guaranis também, mas viver longe da terra natal tem provocado mais do que nostalgia: presas fáceis

de doenças, eles ainda enfrentam o problema da fome na cidade mais rica do País.

"A invasão das terras indígenas continua ameaçando a sobrevivência de várias tribos, como a dos

pancararus, expulsos pelos posseiros pernambucanos", relata Rosa Gauditano, comparando a violência contra os índios ao confronto com os antípodas colonizados. "Eles sofrem como na época do descobrimento", diz. Fotografar os carajás, araras, caiapós, tucanos, ianomâmis, xavantes, guaranis e pancararus tornou-se, então, uma missão para a fotógrafa, desde que decidiu, por conta própria, cobrir o histórico encontro dos índios em Altamira, há oito anos.

Rosa Gauditano ofereceu seus serviços para a revista de bordo da Transbrasil, que aceitou a proposta de cobertura do encontro no Pará. "Só dois jornalistas brasileiros estavam lá", conta. "Os outros eram todos estrangeiros, que per-

ceberam a importância do encontro para a preservação dessas culturas." As 60 fotografias coloridas que estarão na exposição da Casa Fuji não precisam de legendas para provar a riqueza das manifestações culturais dos povos indígenas brasileiros.

Curiosamente, a fotógrafa não fala nenhuma língua indígena. Estabeleceu um código gestual com as diversas tribos, baseado exclusivamente em relações afetivas. "Eu fico em silêncio, no meu canto, observando; de vez em quando esboço um gesto carinhoso e isso é tudo", resume. Não é preciso truques, nem mesmo fotográficos. Rosa Gauditano trabalha com filme Fuji de 100 e 50 asas (Provia). A luz dos índios dá conta do resto.

PANCARARUS
VIVEM COMO
PROLETÁRIOS
URBANOS